

# **O ritual de morte dos grupos Kimbundu e Umbundu como dignificação social em Luanda<sup>1</sup>**

**Francisco José Barbosa, Prof<sup>o</sup> Doutor da UniAges/BA**

## **Resumo.**

Esse artigo é um recorte de uma pesquisa concluída no curso de doutorado em Ciências Sociais/Antropologia na PUC-SP que tem por questão investigativa abordar algumas características no que tange aos preparativos pré-fúnebres que antecedem os ritos de morte das etnias Umbundu e Kimbundu e sua relação com a dignificação social. Para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa aborda-se a metodologia etnográfica com a observação participante, pois o pesquisador participa do cotidiano do objeto pesquisado. Dentre os resultados investigados na pesquisa, aponta-se para as desigualdades sociais praticadas na descolonização que corroborava para a redução do sujeito, gerando baixo autoestima. Todo esse sofrimento que foi causado ao povo, era arrefecido pelo ritual da morte como a principal conexão para chegar ao paraíso.

**Palavras-chave: Morte, Sofrimento e Ritos.**

## **1.Introdução**

Convivendo por mais de cinco anos entre o povo angolano especificamente em Luanda, dentre tantos ritos que compõem essa sociedade, o ritual de morte foi o que mais nos chamou atenção, devido a grande repercussão, comoção e ajuntamento que promove na sociedade. Os símbolos desse ritual não são produzidos aleatoriamente, “eles possuem funções específicas, nas quais revelam as mais secretas modalidades do ser”. Assim, o estudo desses símbolos podem nos “revelar muito mais do que podemos perceber aparentemente; possibilita-nos conhecer melhor o homem em sua totalidade” (ELIADE, 2001, p.09).

Sabemos que em qualquer sociedade os ritos de passagem fazem parte da existência do homem religioso e desempenham um papel cosmológico significativo. Eles se fazem presentes do nascimento à morte, passando ao longo da vida pelas iniciações. De acordo com Ribeiro (2010, p.79) no que diz respeito à morte, “as passagens são extremamente complexas por se tratar não somente de um fenômeno

---

<sup>1</sup> “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de Agosto de 2016, João Pessoa/PB”.

natural, a dissociação corpo-alma, mas também de uma mudança de regime ao mesmo tempo ontológico e social”.

Os rituais fúnebres desempenham um papel para desenvolver uma formação religiosa do homem e, sobretudo, a mutação do regime ontológico, o ato de tornar-se um homem propriamente dito necessita da morte para a vida primeira, natural, e do renascimento para uma vida superior que é, ao mesmo tempo, religiosa e cultural. O ser humano busca constantemente uma forma de se ajustar ao mundo e, à sua volta, na tentativa de saber como se comportar e posicionar-se frente a ele (BARBOSA, 2015).

De acordo com Colonhezi (2004, p.27) “é uma necessidade humana compreender os acontecimentos que vão surgindo, pois para o homem não basta apenas agir por instinto como os demais animais, é uma forma de transformar em família o que, até então, era desconhecido”, e os rituais fazem bem este papel, em ajudar o homem a se estruturar na sociedade promovendo a harmonia e o elo entre a estrutura conhecida e desconhecida.

É possível que a sociedade africana tenha manifestado tanto interesse pelo desconhecido, devido ao “elevado contato com a mortalidade, e sendo a morte tão imprevista, ela se tornou como parte familiar da vida, pois as histórias de guerras, epidemias, fomes, escravidão e enfermidades endêmicas os habituaram a morrer” (Altuna,1993, p.437). Acreditamos também que a força em viver independentemente do sofrimento, é uma marca desse povo bantu, que dignifica seus ancestrais com atos de coragem no quesito enfrentar as agruras sociais.

No meu cotidiano observei alunos de várias etnias participando dos cursos, dos eventos da Universidade e dos grupos de estudos. A minha curiosidade me fez descobrir que eles faziam parte de grupos como Kimbundu e Umbundu como destaque dessa pesquisa, devido a uma maior aproximação com alunos dessa etnia e também diversos outros grupos de outras etnias. Observei também que trajavam roupas africanas e também ocidentais, assim constatei uma presença significativa da cultura colonial no seu cotidiano.

No entanto, o que me chamou a atenção é que quando falecia um aluno, seus colegas não compareciam à aula, alegando estar em óbito que durava de três a cinco dias. Muitos professores também faltavam às aulas quando um vizinho falecia, também

alegando estar em óbito. O interessante é que as universidades abonam as faltas por considerá-las legítimas. Mary Douglas (2010, p.34) ressalta que “a consciência social era projetada além e acima do membro individual da sociedade para alguma coisa muito diferente, externa e forçosamente poderosa”, e na minha concepção é possível que o rito da morte faça parte desse processo de consciência que envolve toda sociedade em prol de um objetivo.

Podemos imaginar também que é possível que a ritualização cultural da morte esteja relacionado:

a um intuito de transcender a vida e livrá-los da angústia existencial da contingência e do abandono, ou mesmo da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte, mas também, e, sobretudo, justificativas sociais de existir enquanto ocupantes de uma determinada posição na estrutura social(BOURDIEU, 2009, p.86).

Em épocas passadas, o homem africano se ajustava ao mundo encarando e compreendendo à morte como resistência social e também como busca da sua ancestralidade através da influência cultural bantu com todo seu arcabouço simbólico. A morte é encarada como uma parte da vida e também como possibilidade de resgatar a estrutura da família novamente, juntando-se com seus ancestrais que já se foram (morreram) e, conseqüentemente, passam a aguardar aqueles que ainda não passaram por esse ritual (morte), era uma forma de juntar-se à família, e acabar com o sofrimento causado pela violência da colonização (BARBOSA, 2015).

Com a invasão cristã advinda da colonização e da cultura portuguesa, a morte para os angolanos sofre um pouco a influência católica e passa a ser além da busca da ancestralidade (concepção africana) ser também a busca do céu (concepção católica), que não pode ser conquistado através dos suicídios, e sim pela influência e a adesão ao cristianismo, que exige a dedicação total do fiel para ter direito ao céu(Ibid.).

O homem é um ser social e compartilha com outros homens sua realidade, para tanto, cria representações, que são sociais à medida que lhe servem de apoio para ajustar-se ao mundo social, através das quais, ele se relaciona, em um constante intercâmbio de significados. De acordo com Mary Douglas (2010 p.34) “a consciência social era projetada além e acima do membro individual da sociedade para alguma coisa muito diferente, externa e forçosamente poderosa”, é possível que o rito de morte faça parte desse processo de consciência que envolve toda sociedade em prol de um objetivo.

## 1.1 Justificativa

Quando reportamos questões relacionados à morte, podemos constatar que a sua representatividade simbólica mostra a importância de como é concebido e aceito no meio social. Analisando os cemitérios na concepção católica, observaremos que tem uma função específica e um significado inerente: “local de descanso da última morada<sup>2</sup>”.

Nos sepultamentos ocorridos no interior dos templos católicos ou ao redor deles, “os túmulos não possuíam ornamentos com a função específica de diferenciação e afirmação da individualidade perante os outros”. Essa vontade de destacar-se na morte ocorria de outra forma, “através do espaço destinado ao sepultamento, sendo que quanto mais perto do altar ou da imagem de seu santo de devoção estiver, melhor e mais rápido a ascensão aos céus e menor o tempo de expurgação dos pecados veniais no Purgatório” (REIS, 1999, pp.176-178).

Já no contexto dos cemitérios extramuros, o cenário se transforma. De acordo com Costa (2007, p.76):

Não mais existe o altar ou a imagem do santo de devoção, mas sim um terreno onde podem ser construídos verdadeiros templos em homenagem a um indivíduo específico ou a uma família. Assim, os cemitérios agora situados fora do âmbito da igreja possuem outras formas de diferenciação de seus pares. Por exemplo, os indivíduos mais abastados, pertencentes às elites, irão reforçar seus poderes até mesmo depois de mortos, através de seus túmulos suntuosamente construídos. O certo é que os cemitérios extramuros tornaram-se locais propícios para a ostentação, seja na esfera econômica, social ou religiosa.

No caso de Angola, nem o Estado com suas concepções ocidentais de modernidade, que tentam ignorar a importância social dos ritos de morte, e nem a igreja cristã, conseguiram impedir a prática tradicional do ritual. A igreja procura influenciar seus fiéis acerca do luto, mas não consegue fazer com que os luandenses abandonem seus rituais de morte<sup>3</sup>, pois os mesmos tem o seu valor civilizatório. Com facilidade é possível encontrar e participar dos rituais fúnebres em qualquer província de Angola, e percebemos que há algo em comum em todos: a expectativa de fazer um bom ritual fúnebre em casa e convidar a família e amigos para participar, pois o ritual é

---

<sup>2</sup> Frase exposta por vários católicos que moram em Luanda, quando indagado sobre o que representa o cemitério.

<sup>3</sup> O cristianismo ensina que para chegar ao céu não necessita de rituais festivos, pois esse é um momento de luto, e sim a fé em Jesus Cristo que o ajudará a suportar as agruras da vida, e isso é o suficiente para obter a salvação eterna.

aglutinador, une e ajuda a dar esperança para uma sociedade que sofreu com a violência e dignificar a memória em vida daquele que se foi.

Conversando informalmente com vários estudantes<sup>4</sup> constatamos que é comum às suas famílias ao longo da vida, guardar dinheiro e encarregar outras pessoas para lhes fazerem funerais dignos, com todos os detalhes e requintes possíveis. Muitos falaram que, se porventura, um viúvo ou viúva chorar desesperadamente após o passamento físico do seu cônjuge, esse desespero não é porque ele morreu e sim porque não tem recursos para fazer à festa fúnebre e proporcionar um funeral digno, o que seria uma vergonha para a família.

Altuna (1993, p.439) nos lembra que a morte ocasiona uma mudança de estado porque é uma passagem que modifica a personalidade, portanto, um ritual pode proporcionar “uma passagem de um trânsito em que alguma coisa se desprende, desaparece ou liberta que são fundamentais no pensamento bantu, pois os conduzem ao novo estado do homem, a uma nova maneira de existir”.

Sendo a desorganização um dos traços primordiais da morte, e dado à necessidade de se restabelecer a organização, sem a qual estaria comprometida a própria existência da sociedade, cabe à consciência subjetiva, através dos aparatos culturais reveladores da dimensão histórica do ser humano, essa árdua e quase impossível tarefa, a de superar a desordem (SANTOS, 1996). Para isso, cabe aos sistemas simbólicos, como instrumento de conhecimentos e de comunicação exercer esse poder estruturante.

Em Angola, dentre os diversos ritos que existem e dão sentido à vida, o rito fúnebre tem papel de destaque, devido à grande repercussão, comoção e participação social que o ato proporciona. Morrer pode significar ter um funeral digno e com muitas festas, desde que tenha dado bons exemplos sociais em vida.

## **1.2 Problematização**

Angola devido ao grande sofrimento obtido pelo longo processo de colonização por mais de cinco séculos de Portugal, e na sequência a descolonização portuguesa conquistada pelas grandes investidas dos grupos de resistência, que chegam ao poder e

---

<sup>4</sup> Mesmo conversando informalmente, sempre revelamos o intuito do diálogo, que era para uma pesquisa científica, no entanto, nenhum deles permitia que se fizesse uma entrevista gravada muito menos que tirasse foto, pois são receosos, acredito que pelos momentos de opressão que passaram na guerra civil, não querem se comprometer.

deflagam em seguida a guerra civil por quase trinta anos, gerando uma destruição na estrutura física do país, teve a necessidade de contratar vários trabalhadores de diversas nações para reconstruir o país que foi devastado em todas as áreas sociais. No entanto, esses trabalhadores não trazem consigo apenas a sua especialização, mas trazem também seus costumes, valores e ideias invadindo completamente essa nação com suas culturas Europeias , Americanas e Asiáticas. Países como: Portugal, Espanha, Itália, Brasil, Cuba, Argentina, Estados Unidos e da Ásia a China e o Japão, convivem com as diversas etnias Angolanas super populando a já apertada Luanda.

Constatando toda a precariedade social e o sofrimento gerado pelo mesmo, notando que os atuais governantes não se importam em resolver tais problemas e também não largam o poder para que outros líderes políticos tentem fazer mudanças significativas de melhorias sociais, me levaram a fazer os seguintes questionamentos:

- Quais são as marcas sociais herdadas atualmente como consequência da colonização e descolonização portuguesa e sua possível relação com o rito de morte da etnia kimbundu e Umbundu em tempo pós-colônia?

### **1.3 Hipóteses**

Em Angola, estive presente em diversos óbitos, sendo todos de familiares dos acadêmicos, no entanto, optamos em fazer a observação de óbitos de duas etnias, devido às similaridades existentes entre elas. Como já tinha uma breve ideia dos procedimentos usados para o ritual fúnebre nas províncias afastadas, por meio dos diálogos e depoimentos obtidos com os estudantes, preferimos participar dos rituais localizados especificamente na região de Luanda, a fim de tentar compreender<sup>5</sup> o que representa e significa o ritual fúnebre para os grupos étnicos kimbundu e Umbundu da região de Luanda.

Ressaltamos que nosso objetivo central é descrever e analisar os dados coletados durante a observação dos rituais fúnebres e para a formulação desse artigo trará dados do preparativo pré-fúnebre que já é uma festa social que dignifica sua etnia de origem

---

<sup>5</sup> Esta é a função da sociologia da religião: compreensão dos fenômenos religiosos enquanto realidades sociais. Ou na definição completa de Berger (1997, pp. 6-14) “a sociologia não é uma ação e sim uma tentativa de compreensão”.

### **1.3.1 O preparativo pré-funebre**

O ritual fúnebre envolve muito trabalho para ser realizado, pois alimentar a multidão que participa do funeral requer uma logística que exige tempo e trabalho. Vale ressaltar que é possível sempre saber quem falece e onde será a cerimônia do óbito, pois a imprensa através dos jornais e das rádios realizam o trabalho de divulgação dos nomes das pessoas que fazem o passamento físico.

Neste artigo, nos propomos a detalhar dois rituais de morte com seus possíveis significados, sendo que optamos em classificar os rituais pelas letras A(Kimbundu) e B(Umbundu), e “organizá-los de acordo com a codificação dos dados em relação a um tema, uma palavra ou uma frase” (BARDIN, 2011, p.127). Vale ressaltar que não foi possível revelar a verdadeira identidade dos familiares, devido a não autorização dos mesmos. Alegaram que eu até poderia participar do evento, pois era professor e, conseqüentemente, considerado amigo da família, no entanto, por ser estrangeiro não tinha o direito de tornar este evento que é de cunho particular em algo público, mesmo sabendo que não é segredo para ninguém tal ritual.

### **1.3.2 Quantidade de pessoas que compareceram em média durante os dias de velório**

Ritual (A): Nesse velório a família é de origem Kimbundu e foi realizado no bairro de Maianga, tendo a duração de cinco dias, o qual observamos que havia entre 400 a 450 pessoas no primeiro dia, e no dia em que o defunto foi enterrado mais de 600 pessoas.

Ritual (B): Nesse velório a família é de origem Umbundu, foi realizado no bairro de Kwanza, teve duração de três dias, e observamos em média aproximadamente entre 200 a 250 pessoas no primeiro dia, porém no dia em que o defunto foi enterrado havia mais de 400 pessoas.

Aprendemos por meio dessas observações que as famílias que receberam um número maior de pessoas, era porque tinham condições financeiras melhores e uma representatividade de grande expressão social, mas o principal fato que proporciona o acréscimo dos dias do funeral, é a relação com a pessoa que fez o passamento, pois,

mostrará a honra que ele tinha em vida, conforme a quantidade de dias acrescentadas na cerimônia, maior será a demonstração da dignidade da pessoa e sua glória será notada no dia do seu funeral.

Nos funerais com menos dias, discute-se a honra que lhe foi dado no decorrer do velório. Quando às condições financeiras são frágeis, havendo necessidade da ajuda voluntária dos familiares e amigos para realizar o evento fúnebre, a contribuição também será de acordo com a sua história em vida.

A maioria das pessoas que lá estiveram são os familiares que tão logo sabem do óbito, já se sentem convocados para a participação. É importante ressaltar que também aparecem familiares que, até então, eram desconhecidos da família primária<sup>6</sup>, mas sentem-se obrigados a revelar as suas identidades, pois necessitam participar do processo do ritual que irá formalizar a passagem do falecido para a outra vida<sup>7</sup>. Além dos familiares, muitos amigos da família também se fazem presentes, havendo também muitos acompanhantes desconhecidos.

Foi possível registrar que muitas pessoas só conseguem chegar ao velório devido à solidariedade da comunidade, pois as caronas se tornam imprescindíveis para que cheguem ao óbito, devido à dificuldade de transporte para locomoção<sup>8</sup>. Os transportes são ônibus fretados, caminhão, kombis, motos, bicicletas e tantos outros veículos locais que trazem e levam as pessoas de diversas localidades. No dia do enterro, a fila do cortejo é quilométrica com uma grande quantidade de pessoas que se esforçam para estar na passagem final do ente querido.

Um fato que corrobora para justificar uma quantidade enorme de pessoas nos rituais são os feriados decretados pelos parentes da vítima e o medo de não estar no velório, pois, segundo o relato de um jovem angolano na maioria das famílias que compõem a sociedade angolana, tem um feiticeiro, encontramos essa afirmação na obra

---

<sup>6</sup> Geralmente os homens constituem matrimônios oficiais que são outorgados pelos familiares, no entanto, também adquirem outras famílias desconhecidas da primária, que só revelam suas identidades no ritual de passagem. Há casos que aparecem até mais que duas famílias.

<sup>7</sup> Revelar-se como a segunda ou terceira família do falecido, não garantirá indenização, no entanto, sentem-se obrigados a estar no momento fúnebre, e muitas vezes essa obrigação é originado medo do falecido querer buscá-los, e isso ocorrer simplesmente pelo fato de não estar no ritual fúnebre. Portanto, preferem o constrangimento de revelar-se a todos os presentes no velório do que arriscar-se e provocar a ira do falecido.

<sup>8</sup> Devido aos problemas financeiros que assola a maioria das pessoas do país e a precariedade do transporte público, o deslocamento das pessoas para regiões mais afastadas se torna uma dificuldade, caso o contrário, o número de pessoas nos eventos fúnebres provavelmente duplicaria ou triplicaria.

de Altuna (1993, p.441) para se referenciar aos bantu, sendo atribuído a ele “poderes mágicos ou que dele se apoderou, sendo que ele tem o poder de fulminar uma vítima e permanecer oculto”. Portanto, diversos feiticeiros participam do ritual fúnebre e, conseqüentemente, os familiares que os têm como proteção procuram não correr o risco de não aparecer em momentos tão únicos como estes, pois, não ser visto, poderia gerar uma grande desfeita para o seu líder e colocar sua família numa condição de risco de vida. Assim, o medo também impulsiona a participação nos rituais de morte.

### **1.3.3 Local onde os parentes e amigos ficam e dormem**

Os rituais A e B descritos têm semelhanças neste item. Nos velórios percebemos que partes dos familiares permaneciam um tempo acordado, sendo que os homens jogavam cartas no quintal da residência e também nos arredores da casa, e ao mesmo tempo, outros homens bebiam e conversavam sobre diversos assuntos, era perceptível que já se encontraram em vários outros rituais fúnebres, pois alguns falavam sobre velórios anteriores, logo observamos que esse era um assunto indispensável entre eles.

Já às mulheres não se misturavam com os homens tanto no jogo das cartas como nas rodas de bebidas, ficavam rezando próximo ao caixão do falecido ou conversando com outras mulheres, enquanto que a outra parte da família e alguns amigos mais íntimos dormiam em cadeiras, outros traziam esteiras para dormir, outros dormiam na casa de vizinhos e outros nos carros, entretanto, a grande maioria dormia no quintal e nos arredores da casa, cobrindo-se com um lençol que traziam consigo para se protegerem do sereno da madrugada. Geralmente, a rua na qual ocupada pelo óbito era interditada, ampliando os espaços, afim de outras pessoas dormirem, ficando protegidas por àqueles que estavam acordados, pois em algum momento fariam um rodízio, proporcionando assim, a possibilidade de todos descansarem.

As pessoas que compareciam no velório, já chegavam conscientes que iriam passar por momentos difíceis, principalmente os mais tradicionais (geralmente os mais velhos) que preferiam dormir ao ar livre e no chão. Acreditam que estão se sacrificando juntamente com o ente querido nesse momento de dor, por isso não aceitam o conforto. Muitos amigos e até estranhos, mesmo não sendo convidados, tornam-se solidários e ficam juntos ao relento e os acompanham até o cemitério. Não

se importavam onde iriam dormir, entretanto, faziam questão de estar em um lugar sempre visível, já que é extremamente importante que a família enlutada tome conhecimento da sua presença, pois essa é a hora que mais se necessita de consolo e solidariedade<sup>9</sup>. Esse ato faz com que as famílias estejam mais próximas entre si, gerando também uma reciprocidade para quando as outras famílias tiverem que enfrentar esse momento de dor.

Outro fato que muito nos chamou atenção foi à diversidade de movimentos no mesmo espaço físico, ou seja, no velório era possível perceber no centro da casa o falecido, no seu estado sagrado, pronto para fazer a passagem definitiva ao encontro da sua ancestralidade ou o céu, ao redor recebe os choros e as rezas das mulheres que é uma forma de afirmar esse momento sacro, no entanto, não muito distante nos deparamos com os homens jogando cartas e mais próximo ainda estão aqueles que bebem, ou seja, o rezar que representa o sagrado convivendo ao mesmo tempo e no mesmo espaço físico com o profano.

De acordo com Eliade (2001) o simbolismo do lugar tem o poder de consagrar todo o espaço e torná-lo aberto para o alto, ou seja, comunicante com o Céu. Assim, o ritual fúnebre consegue proporcionar, e de forma pacífica, a harmonia entre o sagrado e o profano, perpassando as diferenças e transformando o mesmo espaço em harmonia vital para todos, pois o objetivo dos que participam do evento é o mesmo, honrar e celebrar a passagem física do ente querido ou amigo. Vale ressaltar que nesse momento o sagrado e profano se misturam em um processo que tornam ambos numa simbiose de relações e representações uníssonas que se completam, deixando para segundo plano qualquer conceito ou pré-conceito relativo às categorias de sagrado e profano.

### **1.3.4 Tipos de bebidas e comidas que geralmente são servidas nos rituais de morte**

Todos os rituais A e B, também tiveram semelhanças nesse item. As bebidas servidas geralmente são as típicas produzidas localmente como: marufo<sup>10</sup>, cachipembe<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> É uma forma de garantir a presença da família no momento que for solicitado a prestar solidariedade, sendo que essa retribuição garantirá a presença de centenas de pessoas nos futuros rituais fúnebres.

<sup>10</sup> Vinho extraído da palmeira.

<sup>11</sup> Cachaça fermentada do farelo de milho e açúcar.

acompanhada de gengibre e coca-cola, maluvo<sup>12</sup>, bididi<sup>13</sup>, capurroto<sup>14</sup> e cerveja, e também bebidas importadas como: vinho tinto, e whisky de diversas nacionalidades. Também são servidos refrigerantes, sucos e água.

As comidas servidas foram: o fungi<sup>15</sup> com feijão de óleo de palma, arroz, banana verde fervida, batata doce fervida, quizaca<sup>16</sup>, mandioca cozida, saladas com tomate e cebolas picadas, caldo acompanhado com farinha musseque<sup>17</sup>. Essas variedades de alimentos são acompanhadas com peixe ou frango grelhado ou carne vermelha.

Estudos sobre a história do consumo do álcool relatam que desde o princípio sociedades clássicas como a dos gregos e romanos já bebiam vinho à noite, depois das refeições como forma de estímulo à sociabilidade. No Brasil colonial, missionários e colonos conviveram com o consumo da bebida nativa feita a partir da mandioca, do aipim, do milho, do caju, do abacaxi, da jabuticaba, entre tantas outras raízes e frutas, ora alimentava cristãos, ora conduzia ao estado de embriaguez, prática essa também usada em Angola (RAMINELLI, 2005).

De acordo com Fidelis Dias (2008) a bebida era considerada como símbolo de virilidade e fator de manutenção da tradição indígena, ajudava a alimentar a revolta escrava, mantinha a memória dos males passados, reacendia o desejo de matar os inimigos, ou seja, era uma forma de resistência à missão da catequese dos missionários e à expansão colonial. A embriaguez era tratada como caráter sagrado, não sendo considerada como um problema moral. O excesso era mal visto apenas quando ocasionasse ruptura dos laços de sociabilidade, caso contrário, não haveria motivo de vergonha.

Angola não foge à regra dos exemplos citados: a prática do consumo de álcool é muito frequente entre os segmentos sociais e os rituais fúnebres não ficam de fora. Foi possível observar que os homens conseguem simultaneamente jogar as cartas, conversar e beber quase que a noite inteira.

---

<sup>12</sup> Cachaça fermentada extraída da palmeira, produzida pela seiva açucarada do bordão, que é um pau resistente que também serve de apoio para cajado.

<sup>13</sup> Cachaça fermentada extraída do caju.

<sup>14</sup> Cachaça destilada a partir do açúcar, no entanto essa bebida tem uma característica muito peculiar, pois é fermentado com o carvão que é retirado das pilhas, aumentando o teor alcoólico.

<sup>15</sup> Uma espécie de pirão feito com *farinha de mandioca fina ou de milho e óleo de dendê*.

<sup>16</sup> São as folhas da mandioqueira.

<sup>17</sup> É uma farinha de cor dourada.

A prática social de beber constantemente no ritual já foi incorporada e praticada pelos jovens, pois foi possível observar que muitos estavam em estado de embriagues, não se importando se alguém iria recriminar ou não este ato. Segundo Altuna (1993, p. 449) as comidas e bebidas servidas em rituais fúnebres bantu têm por objetivo tentar “diminuir a tristeza do morto para que se conforme com a mudança operada”.

Acreditamos que pelo fato das bebidas nativas serem baratas em relação ao preço das brasileiras e portuguesas, as famílias conseguem comprar grande quantidade desses destilados, gastando poucos recursos que já foram angariados através de doações familiares e da comunidade presente no ritual. Nos velórios realizados nos bairros de Maianga (A), constatamos que foi servida grande quantidade de vinhos (portugueses) e cervejas (de origem local e europeia), fato justificado pelos recursos devidos aos apoios políticos ou a família ter uma melhor condição financeira.

Constatamos também que no ritual de Kwanza(B), a incidência de bebidas era bem menor em comparação aos outros óbitos, entendemos que por ter menos pessoas no ritual fúnebre e também pelo fato da família ser adepta da religião evangélica, conseguiram arrefecer mais à prática da bebida, mas não na sua totalidade.

A alimentação principal servida foi o fungo, com peixe e frango. Esse prato é considerado de baixo custo financeiro, e geralmente está presente em todas as reuniões comemorativas na sociedade. Já a carne bovina dificilmente é servida, pois é muito cara para os padrões da sociedade<sup>18</sup>. Um fato que eleva o seu custo é a sua importação, e o Brasil é um dos exportadores parceiros de Angola. Vale ressaltar que em nenhum ritual de morte que estivemos, foi servido carne vermelha no cardápio.

### **1.3.5 A divisão das funções na participação do velório**

Todos os rituais A e B, também tiveram uma logística muito semelhante. Por meio das observações concluímos que as famílias dividem as responsabilidades do ritual fúnebre em cinco fases:

A primeira fase designada aos tios mais velhos, que tem a responsabilidade de receber as condolências e as contribuições financeiras de amigos, familiares e vizinhos.

---

<sup>18</sup> Um kilo de carne bovina custa em Angola aproximadamente 70 a 100 USD (dólares americanos). Se for picanha pode chegar a 120 USD.

Ficam sentados em cadeiras perfiladas na frente da urna (caixão) juntamente com a viúva e os filhos, facilitando assim, a percepção de todos presentes. Cada pessoa que for chegando ao velório primeiro passa por eles, antes de chegar até o corpo. O objetivo desse ato é receber os cumprimentos e as doações financeiras.

A segunda fase entra em prática logo que os recursos são disponibilizados pelos tios, que fazem a distribuição a outros familiares (geralmente aos homens) que são responsáveis pela compra de alimentos e bebidas com os recursos oriundos da arrecadação, para dar estrutura ao óbito durante e após o funeral.

A terceira fase é dada à outra parte da família, que não necessita ser composta pelos tios, o grupo será responsável em receber os donativos (alimentos) e levá-los até à cozinha para abastecer à dispensa, o objetivo é que não falte alimento durante a cerimônia fúnebre.

A quarta fase é realizada pelo grupo das mulheres que ora ficam rezando, ora ficam na cozinha, com a responsabilidade de preparar a alimentação para as pessoas presentes no óbito, sendo que pelo menos duas refeições são feitas durante o dia, e todos que estiveram presentes no funeral tem direito o almoço com bebidas.

A quinta e última fase é realizada por outro pequeno grupo, responsável pelo adorno do velório, que deixa o espaço limpo, fixa na parede fotografias do falecido e têm a atenção para que as velas não acabem principalmente no período da noite, devido à precariedade de energia elétrica. Eles também são responsáveis pela compra do caixão e pagamentos das despesas na casa mortuária localizada no hospital público, proporcionando à liberação e o deslocamento do corpo até o velório.

Em todos os rituais de morte que presenciamos foi possível observar que o evento foi organizado sempre envolto da mesma tônica: os grupos se revezam constantemente para manter a distribuição dos alimentos e proporcionar um bem estar àqueles presentes no velório. Os convidados não evitam esforços para garantir presença nesses momentos que unem a sociedade em prol de um objetivo importante, manter a sobrevivência das raízes sociais e culturais através da solidariedade e da comoção social que o evento promove.

## **1.4 Metodologia.**

Para tal artigo, utilizamos a pesquisa de cunho qualitativo com a abordagem etnográfica, pois não nos interessa apontar erros ou acertos dos pesquisados, mas apenas adquirirmos subsídios para tentarmos constatar a presença da relação da herança social com os ritos culturais fúnebres na atual sociedade Luandense. Uma questão importante que justifica a abordagem qualitativa é a sua essência descritiva, fundamental para a compreensão dos fenômenos que surgirão nesta pesquisa. Assim para Bogdan e Blikien (1994, p.47) e para Oliveira (2007, p.30) tal característica pode ser resumida da seguinte forma:

uma pesquisa de caráter qualitativo é descritiva, sendo que palavras e/ou imagens são mais adequadas à descrição do que os números. São comuns na apresentação dos resultados, excertos retirados dos dados, de forma a “ilustrar e substanciar a apresentação”, procurando respeitar a forma pela qual foram obtidos. Os relatórios resultantes podem, desta maneira, surgir de forma minuciosa, considerando que nenhuma visão de mundo pode ser reduzida à trivialidade e nenhum detalhe é vazio de significado.

A escolha pela abordagem da observação participante, se justifica devido ter ficado por mais de cinco anos lecionando e participando ativamente do cotidiano da sociedade luandense em Angola.

Este método de pesquisa-participante é caracterizado como aquele em que há uma real participação das pessoas envolvidas, nesse caso os cidadãos angolanos que residem na região de Luanda pelo fato de eu trabalhar e conseqüentemente morar na mesma região, e visa também, produzir conhecimentos tanto para pesquisadores quanto para as demais pessoas envolvidas (Thiollent, 2005, p. 14).

## **1.5 Considerações finais**

Atualmente, é possível encontrar em Luanda alguns óbitos em que esses procedimentos não são respeitados. O segmento comercial da sociedade começou a prestar aos consumidores com melhores condições financeiras serviços fúnebres especializados, como a organização do óbito, a ornamentação, compras e distribuição de comidas e bebidas aos convidados durante todo o óbito e até um dia depois.

A inserção dessas empresas no mercado da morte, é uma nova forma de conceber a questão dos rituais fúnebres; e provável que o aumento de estrangeiros tenha

contribuído com o surgimento dessa prática como uma nova forma de ver a vida. De acordo com o antropólogo angolano José Imbamba (2010) é um fato evidente que cada povo possui um leque de regras e convivências sociais que formam e educam o agir das pessoas, regem as relações entre si, garantindo o respeito, a fraternidade, a unidade e principalmente a solidariedade que consideramos ser a principal marca angolana nos rituais da morte.

Vale ressaltar que encontramos também quem criticasse esse novo modelo de construção do ritual fúnebre. Vários cidadãos angolanos alegaram que o maior orgulho da família angolana é a honra que prestam à memória dos que partem e a solidariedade mútua entre as pessoas, acusando a empresa de não ficar com a família após uma semana do enterro. Dessa forma, não estariam prestando os verdadeiros sentimentos fúnebres, tão importantes nesse momento de dor. Não foi possível encontrar a presença desse serviço especializado em nenhum ritual de morte que participamos em Luanda.

Assim, a morte insere-se justamente no processo de reconhecimento e de consciência da morte biológica e de sua negação através da elaboração de um projeto de imortalidade. De acordo com Altuna (1993, p.437) é possível que este projeto possa ter surgido a partir de várias circunstâncias:

Familiaridade irremediável, resignação, gozo pela passagem, diminuição do ser, mistério e absurdo, desgraça, impotência, transtorno social, consumação, nova realização individual e comunitária, revolta perante um violento desastre antinatural, segurança ou receio.

No entanto, nenhuma destas definições esgota o sentimento bantu ante a morte, mas parece que, no seu conjunto, a definem. No passado a morte tinha um papel muito significativo, pois era responsável por acabar de vez com o sofrimento do escravo africano, proporcionando-lhe a liberdade junto com a sua ancestralidade na outra vida. Nos tempos atuais ainda continua tendo grande importância, pois através dos rituais de morte é possível honrar o ente-querido, encontrar à saída da vida terrena com toda a sua injustiça e sofrimento e também à entrada na cidade da ancestralidade que será a liberdade permanente e, podemos acrescentar ainda o céu, na concepção cristã junto a Jesus Cristo.

Angola precisou entrar num estágio de apaziguamento e para isso tinha de buscar no passado os valores tradicionais africanos, transmitidos através da oralidade pelos mais velhos com o intuito de resgatar e dignificar a sociedade no presente e simultaneamente garantir a sobrevivência angolana no seu futuro. Na morte

conseguiram adquirir esse valor civilizatório, pois os diversos grupos étnicos param para participar dos ritos funerários, sendo esse o elemento de maior coesão da sociedade angolana.

Essa marca angolana de ser e que faz parte da herança bantu é o significado que dá para morte, vinculando-o à compreensão da vida como um todo e não apenas aos sofrimentos nela, pois os vivos dão sentido aos que já partiram, como por exemplo, a vida do filho dá sentido e significado à vida do pai, e esse, aos avós e assim sucessivamente. Os ancestrais são honrados no modo de vida dos vivos, a morte como passagem se reveste de tantos significados, porque a maneira como os que ficam e se despedem, manifestam a honra e a glória daqueles que passaram, mas sempre em conformidade com que a pessoa viveu na sua existência terrena. Essa é a origem comum entre as etnias angolanas.

Hoje, partes dos angolanos acreditam no céu cristão, na intervenção de Jesus Cristo, mas não abandonam os rituais fúnebres como forma de honrar seus entes queridos. Independentemente da crença, os rituais fúnebres estão presentes e mostram que a religião cristã tem seu lugar e prestígio. Mas a principal via para suportar a violência, o sofrimento das agruras sociais e alcançar a liberdade se dá através da solidariedade das festas e do rito fúnebre que demonstra a certeza que a outra vida será bem melhor, e que essa é a marca angolana de ver a vida.

## **Referências**

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura tradicional bantu*. Luanda: Secretariado Arquidiocesano da Pastoral, 1993.

BARBOSA, Francisco José. Nas fronteiras da liberdade: colonização, descolonização e ritos fúnebres na Angola contemporânea. Tese de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2015.

BARDIN, L. *Análise de conteúdos*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

COLONHEZI, Laura Cristina Ferreira. *As representações do sagrado*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: Mackenzie, 2004.

COSTA, Maria Matos da. *A morte e o morrer em Juiz de fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Juiz de fora. Minas Gerais: UFJ, 2007.

- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. 1 ed. São Paulo: Martins fontes, 2001.
- FIDELIS DIAS, I. *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.
- IMBAMBA, José Manuel. *Uma Nova cultura: para mulheres e homens novos*. 2 ed. Luanda: Paulinas, 2010.
- RAMINELLI, R. *Da etiqueta canibal: comer antes de beber*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2005.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- RIBEIRO, Ludmila Costa. *A cosmovisão africana da morte: um estudo a partir do saber sagrado em Mia Couto*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Minas Gerais. MG: UFMG, 2010.
- SANTOS, Acácio Sidinei Almeida. *A dimensão Africana da morte resgatada nas Irmandades negras, candomblé e culto de Babá Egun*. Dissertação de Mestrado defendida na Pontifícia Universidade Católica. São Paulo: PUC, 1996.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 14ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.